



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

THE BOY WITH GREEN HAIR/ 1948

O Rapaz dos Cabelos Verdes

Um filme de Joseph Losey

Realização: Joseph Losey/ **Argumento:** Ben Barzman, Alfred Lewis Levitt/ **Fotografia:** George Barnes/ **Direcção Artística:** Ralph Berger, Albert S. D'Agostino/ **Montagem:** Frank Doyle/ **Música:** Leigh Harline/ **Intérpretes:** Pat O'Brien (Gramp Fry), Robert Ryan (Dr. Evans), Barbara Hale (Miss Brand), DEAN STOCKWELL (Peter Fry), Richard Lyon (Michael), Walter Catlett (o Rei), Samuel S. Hinds (Dr. Knudson), Regis Toomey (Mr. Davis), Charles Meredith (Mr. Piper), David Clarke (barbeiro), Billy Sheffield (Red), John Calkins (Danny), Teddy Infuhr (Timmy), Dwayne Hickman (Joey), Eilene Janssen (Peggy), Curtis Jackson (aluno), Charles Arnt (Mr. Hammond), Peter Brocco, Ann Carter, Anna Q. Nilsson, Dale Robertson, Russ Tamblyn, etc.

Produção: Stephen Ames, para a RKO/ **Cópia:** digital, colorida, versão original legendada electronicamente em português/ **Duração:** 80 minutos/ **Estreia Mundial:** New York, em 16 de Novembro de 1948/ **Estreia em Portugal:** cinema Politeama, em 11 de Maio de 1950.



Primeira longa-metragem de Joseph Losey, **The Boy With Green Hair** parecia ser o começo de uma carreira promissora em Hollywood, onde o realizador já trabalhava desde 1939 na direcção de algumas curtas-metragens para a MGM, trabalho intercalado com a sua actividade teatral onde colaborou com Bertolt Brecht na encenação da peça do dramaturgo alemão, “Galileo Galilei” (um dos grandes trabalhos de Charles Laughton no palco, de que há um registo, de 30 minutos, filmado pelo próprio Losey, aquando da representação em 1947, e que já exibimos nesta sala há alguns anos). Várias circunstâncias impediram que tal acontecesse, sendo a mais importante os interrogatórios da HUAC sobre as “actividades anti-americanas em Hollywood” que em 1951, quando filmava **The Big Night** o convocaram para “prestar declarações”. Sabe-se o que aconteceu: sabendo o que o esperava, dadas as suas conhecidas simpatias de esquerda, Losey escolheu o exílio na Grã-Bretanha, dando início a uma fase da sua carreira marcada por uma série de filmes que foi forçado a assinar com outros nomes. **The Boy With Green Hair** é o primeiro dos únicos cinco filmes que Losey fez nos Estados Unidos (onde nunca mais voltou a trabalhar), seguido de **The Lawless/Intolerância**, **The Prowler/O Cúmplice das Sombras** (que pessoalmente considero o seu melhor), **M/Matou** (nova versão do filme de Fritz Lang) e **The Big Night**.

A produção de **The Boy With Green Hair** também não foi pacífica. Acontece que ela teve lugar quando se deu uma mudança capital na companhia que o produzia: a RKO. A sua aquisição pelo magnate Howard Hughes e a subsequente alteração de produtores. Dore Schary, que apostara no filme e na estreia de Losey, foi afastado, e o novo produtor, Stephen Ames não se terá interessado muito pelo projecto original. Contra a vontade de Losey, foi inserida no filme uma banda sonora redundante, entre outras alterações. Apesar de tudo isso, **The Boy With Green Hair** foi uma estreia que chamou a atenção da crítica e do público, a que não terá sido alheia a metáfora pacifista que estava incluída, nestes tempos de pós-guerra.

O filme apresenta uma característica curiosa que reflecte os caminhos que o cinema americano começava a trilhar na época, influenciado pelo sucesso internacional do que se chamou de “neo-realismo” italiano. **The Boy With Green Hair** é, à partida, um excelente exemplo de um “realismo americano”, com a sua apresentação da vida de uma pequena comunidade americana não da forma então dominante de celebração dos valores do seu país, que se formaliza no subgénero de “americana”, mas com um tom que é simultaneamente “verista”, com a atenção que dá a todas as personagens e situações, sem sobrecarregar as imagens de efeitos “líricos”, e crítica, apresentando a forma como se geram e desenvolvem os preconceitos sociais e raciais dentro dessas comunidades, face ao que é “diferente”. O filme seguinte de Losey será ainda mais crítico, expondo essa situação de forma brutal e paranoica, que parece já reflectir a “caça às bruxas” que o vitimará: **The Lawless/Intolerância**. Em **The Boy With Green Hair** não chegámos ainda a esse ponto. Neste seu primeiro filme assistimos ao que em termos cínicos se poderia chamar uma “rectificação”: corrigir o que está “mal” no jovem “desviado”, remeter a ovelha ao redil que é a comunidade. A colorização acidental do cabelo em tons verdes do jovem Pete Fry (Dean Stockwell), em si, não choca sobremaneira, após a surpresa inicial e a inevitável curiosidade e gozo das outras crianças. O que de facto acaba por “chocar” a comunidade é a assumpção que Pete acaba por fazer do seu cabelo como “símbolo” de esperança do futuro transmitida pelos “órfãos de guerra” que surgem em sonho a Pete, em imagens que recriam as fotografias que ele vira na exposição na escola,

O trabalho de Joseph Losey é simples e eficaz, atento aos pormenores da vida (os interiores das lojas, as ruas, a rotina diária do velho Gramp (Pat O’Brien), a escola e as relações entre os garotos), dando já mostras do seu sentido de composição dos planos, e, especialmente aqui, do seu uso da cor.